

CONHECIMENTO TRADICIONAL E O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADE PANTANEIRA MATO-GROSSENSE

Gesica Ramos do Espírito Santo¹
Maria Corette Pasa^{1*}
Daniele A.A. Arriel¹

RESUMO: O conhecimento relativo às plantas por uma comunidade é inerente a sua historicidade cultural e perpassa ao longo de sucessivas gerações. Os objetivos consistem em: (1) caracterizar o conhecimento tradicional que os moradores da comunidade possuem a respeito da flora local, bem como da utilização, do manejo e da conservação dos recursos vegetais; (2) avaliar a influência dos conhecimentos tradicionais sobre o potencial de uso das plantas medicinais na comunidade tradicional rural de Mimoso, no pantanal mato-grossense. Foram abordados os tratamentos qualitativo e quantitativo. Os dados qualitativos foram obtidos com aplicação do pré-teste, entrevistas semiestruturadas e abertas, turnê guiada e registro fotográfico. Para as análises quantitativas foi utilizado o Consenso Informante, que avaliou o Nível de Fidelidade (NF), Fator de Correção (FC) e a importância relativa de Concordância de Uso (Pcup%) entre os informantes que conhecem e usam as plantas medicinais na comunidade de Mimoso no pantanal de mato-grossense. Foram entrevistadas 55 pessoas acima de 18 anos de idade. A faixa etária variou de 18 a 94 anos, que citaram 162 espécies vegetais, pertencentes a 64 famílias botânicas e com 965 citações de usos para as categorias medicinal, alimentícia, ornamental, construção e mística religiosa. Destaque para a categoria medicinal com 71% das espécies citadas, seguido de alimentícia com 31%, mística religiosa com 6% e ornamental com 4%. No que diz respeito ao preparo dos remédios caseiros, a forma mais utilizada é o chá (82%), sendo a folha (56%) a parte da planta mais usada para tratamentos terapêuticos. Os maiores valores de Pcup (%) para as plantas medicinais registraram 23 espécies (Tabela 2), largamente utilizadas na comunidade, sendo nativas e exóticas em número proporcional. A comunidade de Mimoso é detentora de expressivo conhecimento sobre as plantas medicinais locais, e a população ainda mantém usos e manejos tradicionais com a flora pantaneira, resultando no fortalecimento do legado cultural da história e trajetória Etnobotânicas mato-grossenses.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional; Pantanal; Plantas medicinais, Valor de Uso

TRADITIONAL KNOWLEDGE AND THE USE OF MEDICINAL PLANTS IN A COMMUNITY PANTANEIRA MATO-GROSSENSE

ABSTRACT: Knowledge about plants by a community is inherent to its cultural historicity and runs through successive generations. The objectives consist of: (1) characterizing the traditional knowledge that community residents have about the local flora, as well as the use, management and conservation of plant resources; (2) to evaluate the influence of traditional knowledge on the potential use of medicinal plants in the traditional rural community of Mi-moso, in the Pantanal of Mato Grosso. Qualitative and quantitative treatments were addressed. Qualitative data were obtained by applying the pre-test, semi-structured and open interviews, guided tour and photographic record. For the quantitative analyses, the Informant Consensus was used, which evaluated the Loyalty Level (NF), Correction Factor (FC) and the relative importance of Usage Agreement (Pcup%) among the informants who know and use the medicinal plants in the community of Mimoso in the Pantanal of Mato Grosso. 55 people over 18 years of age were interviewed. The age group ranged from 18 to 94 years old, which cited 162 plant species, belonging to 64 botanical families and with 965 citations of uses for the medicinal, food, ornamental, construction and religious mystical categories. The medicinal category stands out with 71% of the cited species, followed by food with 31%, mystical religious with 6% and ornamental with 4%. With regard to the preparation of home remedies, the most used form is tea (82%), with the leaf (56%) being the part of the plant most used for therapeutic treatments. The highest values of Pcup (%) for medicinal plants registered 23 species (Table 2), widely used in the community, being native and exotic in proportional number. The Mimoso community holds significant knowledge about local medicinal plants, and the population still maintains traditional uses and management with the Pantanal flora, resulting in the strengthening of the cultural legacy of the history and Ethnobotanical trajectory of Mato Grosso.

Keywords: Traditional knowledge; Pantanal; Medicinal plants, Use value

¹ PPGCFA, Federal University of Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso 78060-900, Brasil.

*E-mail: pasaufmt@gmail.com

INTRODUÇÃO

A utilização de plantas é uma prática comum entre as populações humanas. Desde os primórdios da humanidade, o homem utiliza a diversidade vegetal para diversas finalidades, como artesanal, alimentação, construção, remédios entre outros. Historicamente o cenário do uso popular de produtos naturais para o tratamento de diversas patologias é relatado nos mais variados contextos, desde as práticas ritual-religiosa e cultural até a respeitada medicina tradicional [1, 2].

O uso de plantas medicinais aliado à medicina tradicional se torna um recurso potencial de afirmação cultural frente ao sistema médico dominante, e auxiliando na manutenção dos meios tradicionais de subsistência e a conservação dos ecossistemas locais [3]. Conhecimentos advindos das plantas medicinais são considerados “uma rica mistura de conhecimento dos indígenas, dos europeus e dos africanos a respeito de espécies tropicais e exóticas aclimatadas desde a colonização” [4, 2, 5].

Nesse contexto, emerge a etnobotânica, ciência que analisa e estuda as informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas [6]. A etnobotânica pode funcionar como uma ferramenta eficaz e eficiente no que tange às práticas, uso e manejo sustentável dos recursos vegetais, numa perspectiva de valorização e de conservação dos elementos culturais, sociais, bióticos e abióticos das comunidades humanas [7].

O uso popular de plantas medicinais é uma prática que tem sido propalada por sucessivas gerações [8, 9]. Reconhecer a importância da transmissão é revelar aos membros comunitários os processos e transformações locais, valorizar e identificar os potenciais de proteção do conhecimento tradicional [10]. Os objetivos consistem em: (1) caracterizar o conhecimento tradicional que os moradores da comunidade possuem a respeito da flora local, bem como da utilização, do manejo e da conservação dos recursos vegetais; (2) avaliar a influência dos conhecimentos tradicionais sobre o potencial de uso das plantas medicinais na comunidade tradicional rural de Mimoso, no pantanal mato-grossense.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

O estudo foi realizado na comunidade de Mimoso, situada no Distrito de Santo Antônio de Leverger (Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá), no estado do Mato Grosso, Brasil (16° 17' de latitude S e 55° 48' de longitude W),(Fig. 1).

O clima segundo Köppen é AW, tropical com duas estações definidas, sendo um período de chuvas, de outubro a março, e um período seco, de abril a setembro. A precipitação média anual é de 1560 mm. Temperatura média anual de 25°C sem grandes oscilações ao longo do ano, sendo a média das máximas 34°C, e das mínimas 21°C [11].

A comunidade pantaneira de Mimoso é caracterizada como tradicional e rural, descendentes de Rondon, africanos e de origem indígena, principalmente “bororó”, “Paiaguá” e os “Guaikuru”, fortes e belicosas, que serviram de barreira à fixação dos brancos nos ermos dos pantanais [12]. A concentração de moradores localiza-se entre a Morraria e a Baía de

Chacocoré (na língua bororó, significa água em movimento ou água que anda). A fixação dos Mimoseanos nesse local tem motivações históricas, pois 61% da sua área está localizada dentro do Pantanal, ou seja, sofre a influência do pulso de inundação [13]. Registrou-se que no contexto estadual, é o terceiro município mais inundável do Estado de Mato Grosso, antecedido Poconé (80,3%) e Barão de Melgaço (99,2%) [14].

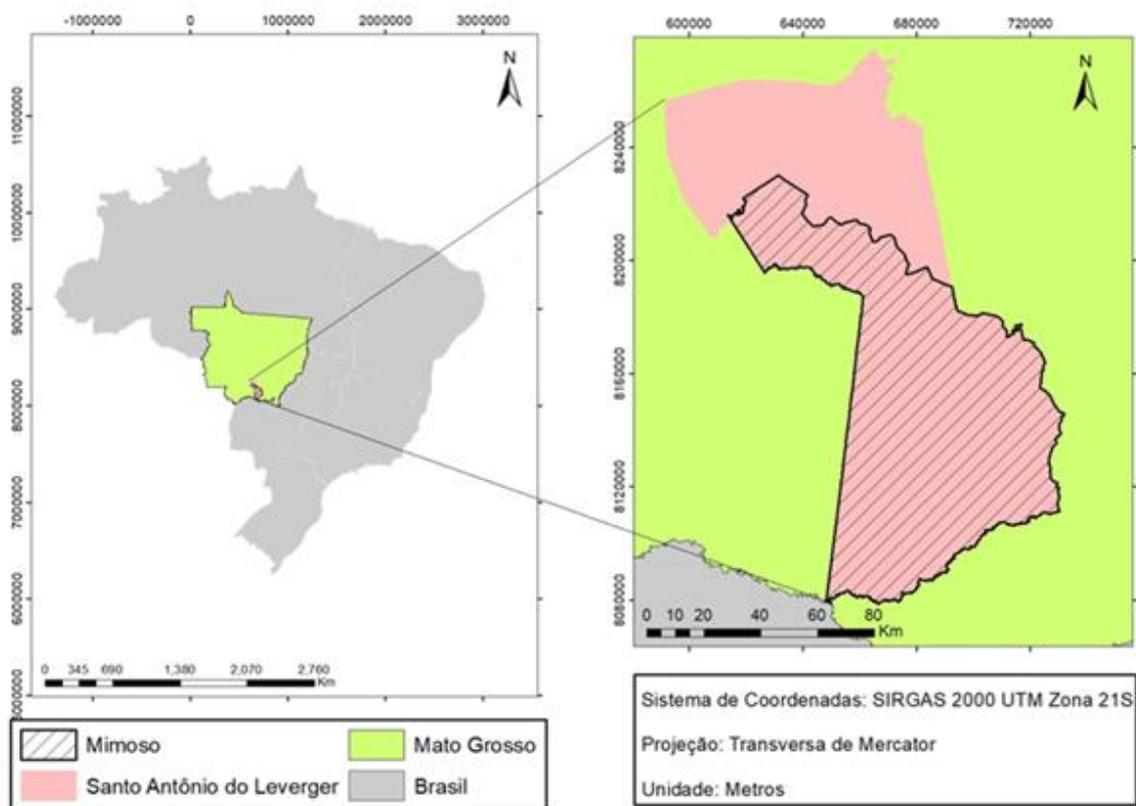


Fig. 1 Área de estudo. Santo Antônio do Leverger–MT, 2019. Brasil. Fonte: Mariana Budnik Chinikoski, 2019.

Expedição etnobotânica

De acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos CEP – Saúde-Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, (CAAEE) de Parecer nº 3.993.535, os moradores da comunidade aceitaram assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), que explica o processo e as etapas da pesquisa, devidamente lido e assinado em duas vias, de forma livre e espontânea pelo participante. Os dados foram obtidos através da aplicação de técnicas etnobotânicas como entrevistas semiestruturadas e abertas [15]; observação direta e observação participante [16]; história de vida narrada pelo informante [17]; turnês guiadas nos quintais e matas e registros fotográficos [18]. As expedições científicas ocorreram de Agosto de 2018 a Março de 2019, com frequência quinzenal e com duração de dois dias. As amostras foram coletadas nos quintais das residências e nas morrarias, estas localizadas mais distante das residências e constitui de um bioma mais elevado, não alagável e com presença de espécies arbóreas.

A identificação botânica seguiu APG IV [19], segundo o sistema de classificação taxonômica Missouri Botanical Garden [20], Flora do Brasil [21, 22, 23]. Espécimes testemunho em triplicata foram depositadas no Herbário Central da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Para a análise qualitativa foram utilizadas as informações obtidas nas entrevistas, organizadas em um banco de dados no Excel. Na análise quantitativa estimamos o valor de uso para as espécies usadas e coletadas utilizando-se o Nível de Fidelidade. Esses cálculos expressam o consenso informante e permitem avaliar a importância relativa de cada espécie segundo [24, 25, 26, 27, 28, 8, 5]. O Valor de Uso (*Vusp*) das plantas medicinais foi calculado através do Nível de Fidelidade (NF), Fator de Correção (NF) e a Frequência de Uso das espécies (*Pcup%*) para avaliar o consenso informante e a importância relativa de cada espécie [29, 30] através das equações:

$$VU_s = \frac{\sum_i^n U_{si}}{n} \quad (1)$$

Onde *Vus* = Valor de uso da espécie *s*;

Us = número de usos mencionados por cada informante para a espécie *s*;

n = número total de informantes

a) Nível de Fidelidade:

$$\text{Equação I: } NF = \frac{Fid}{Fsp} \times 100$$

Onde: NF = Nível de fidelidade

Fid = Número de informantes que indicaram o uso de uma espécie para uma finalidade maior

Fsp = Número total de informantes que citaram a planta para algum uso;

b) A utilização do Fator de Correção é necessária pela diferença no número de informantes que citaram usos para cada espécie:

$$\text{Equação II: } FC = \frac{Fsp}{ICEMC}$$

Onde: FC = Fator de correção

Fsp = Número total de informantes que citaram a planta para algum uso

ICEMC = Número de citações da espécie mais citada

c) Porcentagem de concordância quanto aos usos principais:

$$\text{Equação III: } Pcupsp = NF \times FC$$

Onde: *Pcupsp* (%) = Frequência relativa de concordância quanto aos usos principais

NF = Nível de fidelidade

FC = Fator de correção

As indicações dos usos foram agrupadas baseadas na classificação de doenças proposta pela Classificação Internacional de Doenças – CID 10, da Organização Mundial de Saúde [31]. Nesta pesquisa, ao analisarmos os dados etnobotânicos foi possível avaliar se ocorre ou não, a influência dos conhecimentos tradicionais sobre o potencial de uso das plantas medicinais na comunidade.

RESULTADOS

Características socioculturais

Nós entrevistamos 55 pessoas, sendo 71% do gênero feminino, porque neste contexto, rural e tradicional, é predominante a atuação da mulher nos afazeres domésticos. O trabalho no lar é a principal atividade realizada entre os entrevistados, no caso as mulheres, seguido da agricultura familiar e comerciantes. Outros tipos de ocupação como vendedores no comércio, pedreiro e enfermeira, foram citados. A faixa etária variou entre 18 e 94 anos, sendo que a depoente de 94 anos que vive no local desde que nasceu (Fig. 2).

Dos entrevistados, 53% nasceram em Mimoso e residem há mais de 40 anos na comunidade e o restante tem origem de regiões próximas. A maioria possui ensino fundamental incompleto. Quanto ao estado civil 60% dos informantes são casados, seguido de 22% solteiros, 11% são viúvos e 3% divorciados. A religião predominante é católica, seguido de evangélica e espírita. Nós registramos que 93% da população local atribuem à Santo Antônio como o Santo Padroeiro da comunidade.

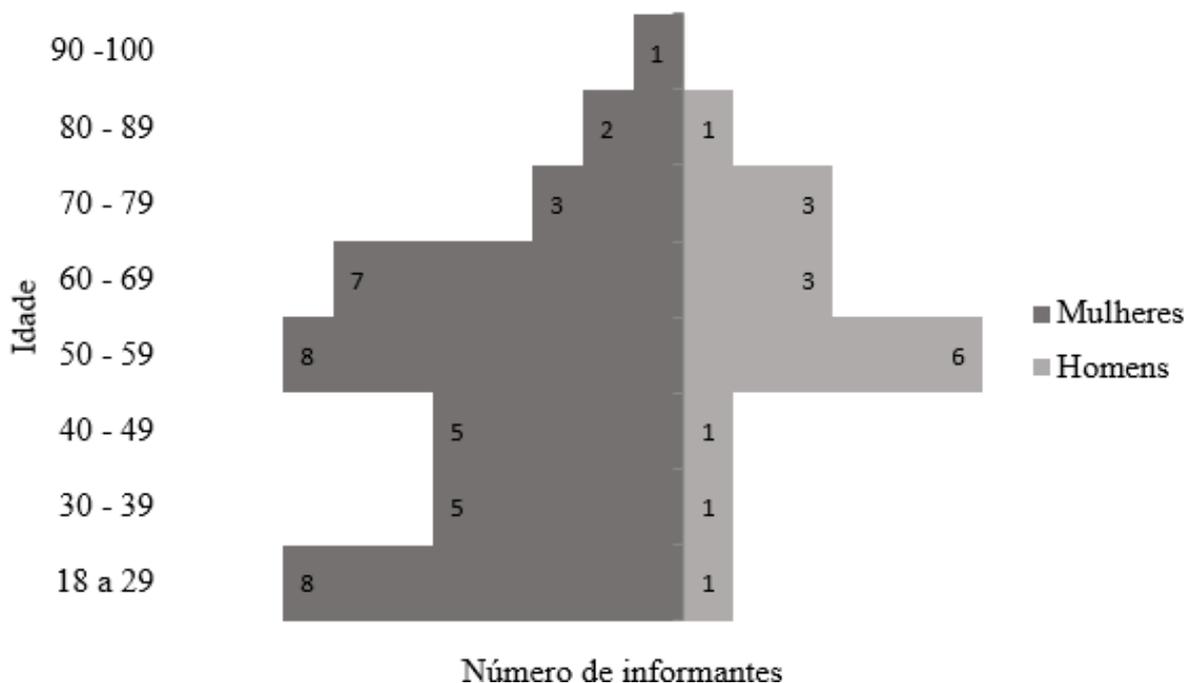


Figura 2. Indicação de gênero e idade dos entrevistados da comunidade.

As principais culturas de subsistência das famílias são o cultivo de *Manihot esculenta* (mandioca) *Musa parasidiaca* (banana), *Zea mays* (milho), *Saccharum officinarum* (cana-de-açúcar), *Mangifera indica* (manga), *Capsicum* (pimenta), *Cucurbita maxima* (abóbora), *Cucumis anguria* (maxixe) e *Ananas comosus* (abacaxi), *Gossypium* sp. (algodãozinho), entre outras plantas medicinais (Tabela 1). Esses cultivos de espécies nativas e selvagens, estão alocados em unidades de paisagens denominadas de quintais e roças, próximo das residências para facilitar o acesso, cuja a mão-de-obra é restrita à família.

Dados Etnobotânicos

Um total de 162 espécies nativas e exóticas, pertencentes a 64 famílias botânicas e 150 gêneros foram registradas no exercício da medicina tradicional local. As famílias mais representadas foram Fabaceae (15 gêneros), Asteraceae (09 gêneros), Lamiaceae (09 gêneros) e Anarcadiaceae (08 gêneros).

Ao considerar todos os usos mencionados registramos um total de 965 citações para as diferentes etnocategorias (medicinal, alimentícia, ornamental, mística religiosa e construção em geral), com maior número de citações para medicinal e, em média de seis citações por espécie (Tabela 1).

Entre as etnocategorias de usos destacam-se a medicinal com 71%, seguido de alimentícia com 31%, mística religiosa com 6%, ornamental com 4%, sendo que uma mesma planta pode se encaixar em mais de uma etnocategoria, e assim apresentando multiplicidade de usos.

As plantas medicinais tiveram 759 citações de usos e as maiores frequências de citações são *Myracrodruon urundeuva* (50), *Manihot esculenta* (32), *Citrus x sinensis* (29), *Annona squamosa* (27), *Mangifera indica* (25), *Musa paradisiaca* (24), *Citrus x limon* (24), *Punica granatum* (22) *Malpighia glabra* (21), *Chamomilla recutita* (20), *Alternanthera brasiliana* (20), *Ruta graveolens* (20). A maioria são nativas e o percentil variando de 36,5 (20 citações) à 91,0 (50 citações) em relação ao número de entrevistados. Resultado significativo para estudos em etnobotânica.

As plantas místicas religiosas são fortemente utilizadas ao exercerem influências sobre o espírito em rituais abarcando experiências enteógenas, por meio de preparos via oral, seguidos de rituais em dia, horário e indumentária específica. Tais plantas auxiliam na proteção do indivíduo (corpo, alma e espírito), ou ainda com o potencial de livrar de energias negativas, quebrantos, mau-olhado, inveja e dores físicas, incluindo os animais que sofrem de males espirituais, onde é feito uma reza por um dos benzedeiros (homem ou mulher) para que o animal ou humano reestabeleça a saúde. Observou-se na entrada das residências da comunidade Mimoseana a presença de espécies consideradas símbolo de proteção espiritual contra mau-agouro, mau-olhado e energia ruim, sendo *Strychnos pseudoquina* (quina), *Sansevieria trifasciata* (espada-de-Ogum), *Petiveria alliacea* (Guiné), *Dieffenbachia picta* (comigo-ninguém-pode), *Ruta graveolens* (arruda), *Polygonum cf. punctatum* (erva-de-bicho) e *Rosmarinus officinalis* (alecrim). Desta forma, as pessoas da comunidade buscam nas plantas alívio para seus males corporais ou espirituais, através dos chás, banhos unguentos ou tinturas caseiras.

Na comunidade as plantas herbáceas são predominantes entre espécies medicinais, especialmente nas hortas, jardins e quintais. A parte da planta mais usada é a folha (56%), seguido de raiz (23 %), flor (14%) e semente (7%). As formas de preparo é o chá (82%), através de infusão, seguido de maceração, *in natura* com água, queimada, garrafada e o melote, este último largamente usado com o melastro da aroeira para curar quebração de ossos.

As espécies usadas na medicina tradicional local foram classificadas conforme WHO [28]. A maioria das citações de usos para indicações terapêuticas referidas pelos informantes foram para os problemas relacionados aos sistemas: respiratório (21%), circulatório (13%), genito-urinário (5%), digestório (11%). Em geral, os distúrbios mais frequentes são inflamações, anemia, úlcera, verminose, cicatrizante, estimulante do apetite, afrodisíaco, diabetes, verrugas, calmante e desidratação, gripe, enxaqueca, colesterol, resfriados, energia ruim, dores no corpo e proteção espiritual.

O Valor de uso das plantas revela o número de usos mencionados para uma espécie e estabelece a importância dela para a comunidade pesquisada. Neste estudo, os maiores percentuais de Concordância dos Usos Principais para cada uma das espécies Pcup (%) registradas foram para a categoria medicinal, com destaque para *Myracrodruon urundeuva* (56%), *Ruta graveolens* (52%), *Citrus sinensis* (46%), *Plectranthus barbatus* (44%), *Cymbopogon citratus* (38%), *Chamomilla recutita* (38%), *Peumus boldus* (38%) e *Punica gratum* (36%) (Tabela 2). Algumas espécies medicinais exóticas não obtiveram altos valores de usos porque a indicação do tratamento não é comum entre a população, ou seja, a doença não é de consenso na comunidade, espécies como *Achillea millefolium* e *Kalanchoe daigremontiana* foram mencionadas para o tratamento de câncer. Espécie medicinal nativa como *Pfaffia ivesinoides* apresentou baixo valor de uso, provavelmente ocasionado pela parte da planta usada, no caso a raiz. O estudo destaca o elevado percentual quanto ao uso das folhas, para espécies nativas e exóticas, no exercício da medicina tradicional local.

TABELA 1 Relatório de espécies medicinais utilizadas na terapêutica local.

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	USOS POPULARES	Fsp	Fid	Nu	NF	FC	Pcup(%)
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	Quebradura	50	28	8	56,0	1,00	56,0
<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Dor de cabeça	22	15	3	68,2	0,76	52,0
<i>Citrus sinensis</i>	Laranjeira	Resfriados	29	23	5	79,3	0,58	46,0
<i>Plectranthus barbatus</i>	Boldo	Problemas digestivos	25	22	4	88,0	0,50	44,0
<i>Cymbopogon citratus</i>	Capim-cidreira	Pressão alta	21	19	3	90,5	0,42	38,0
<i>Punica granatum</i>	Romã	Dor de garganta	22	18	4	81,8	0,44	36,0
<i>Mangifera indica</i>	Manga	Tosse, Gripe	25	16	2	64,0	0,50	32,0
<i>Alternanthera brasiliana</i>	Terramicina	Infecção em geral	20	15	6	75,0	0,40	30,0
<i>Mentha crispera</i>	Hortelãozinho	calmante	18	14	2	77,8	0,36	28,0
<i>Lippia alba</i>	Erva-cidreira	Pressão alta	15	13	2	86,7	0,30	26,0
<i>Aloe vera</i>	Babosa	Cicatrização	15	12	2	80,0	0,30	24,0
<i>Tamarindus indica</i>	Tamarindo	Anti-inflamatório	7	6	2	85,7	0,24	21,0
<i>Anacardium occidentale</i>	Caju	Cicatrização	13	10	2	76,9	0,26	20,0

Abreviações: Fsp = Frequência absoluta dos informantes que citaram a espécie; Fid= Frequência absoluta dos informantes que citaram os usos principais; Nu = Número de usos citados; NF = Nível de fidelidade; FC = Fator de Correção; Pcup = Frequência relativa de concordância quanto aos usos principais.

M. urundeuva, popularmente conhecida como aroeira na região pantaneira, apresentou maior valor de consenso de uso na comunidade. Apresenta multiplicidade de usos para tratamentos corporais em pessoas e animais. A medicina tradicional local com aroeira é conduzida por pessoas da comunidade, idosas e detentoras de conhecimentos empíricos tradicionais. Em geral, utilizam a espécie na forma de emplastro (uso tópico), para tratar de

quebraduras ósseas em pessoas e animais. Outras formas de remédios são preparadas por raizeiras locais, que utilizam além da casca da aroeira outras plantas como a *Sida cordifolia* (malva-branca), *Boerhavia coccinea* (amarra-pinto) e *Uncaria tomentosa* (unha-de-gato) para compor a garrafada, que é empregada para diversos tratamentos como infertilidade e inflamação do aparelho reprodutor feminino, feridas no colo do útero, inflações, corrimentos vaginais e inflamações na pele.

A categoria alimentar foi expressiva na comunidade, pois a população considera que os alimentos também são remédios, desta forma as espécies apresentam multiplicidade de usos (alimentícias e medicinal) e no rol dos maiores valores de Pcup (%). As mais citadas são as espécies frutíferas, como *Talisia esculenta* (pitomba), *Citrus sinensis* (laranja), *Citrus x limon* (limão), *Mangifera indica* (manga), *Anacardium occidentale* (caju), *Cocos nucifera* (coco), *Citrullus lanatus* (melancia), *Citrus reticulata* (pocã), *Malpighia glabra* (acerola), *Caryocar brasiliense* (pequi), *Persea americana* (abacate), *Rubus brasiliensis* (amora) e *Plinia cauliflora* (jabuticaba). As frutas são utilizadas para consumo *in natura* e na produção de doces feitos com frutos, cascas, sementes e outras partes das plantas. Outras espécies alimentares como *Manihot esculenta* (mandioca), *Musa parasidiaca* (banana), *Zea mays* (milho), *Carica papaya* (mamão), *Cucurbita moschata* (abóbora), *Solanum tuberosum* (batata), *Solanum melongena* (berinjela), (Tabela 2). Da palmeira de babaçu (*Orbignya oleífera*) utilizam as amêndoas para a extração do óleo, que é utilizado na gastronomia. Do coco de babaçu retiram uma “farinha” muito nutritiva, também usada na alimentação.

O artesanato também é presente na cultura Mimoseana, através da confecção de utilitários e peças decorativos para usos pessoal, domiciliar ou nas atividades do cotidiano. Eles dizem aproveitar “tudo” que a natureza oferece, mas demonstram que estão atentos para o processo de conservação dos recursos naturais do local. Assim, acompanhamos algumas atividades por eles desenvolvidas. As folhas de *Orbignya oleífera* (babaçu) são utilizadas na armação de coberturas para casas e tendas, nos períodos de festividade de Santos. As folhas também são utilizadas na confecção de cestos (para auxiliar no transporte de utensílios domésticos ou acondicionar alimentos), peneiras (usadas na limpeza dos produtos como feijão e amendoim), esteiras (como suporte para panelas e pratos) e os abanadores (aqui popularmente referidos como banadô), utensílio para abanar (do calor ou dos insetos). Essas práticas artesanais são exercidas há anos e transmitidas entre as gerações, conforme relato do informante [... “*eu via meu pai fazê, pegava a folha de babaçu e buriti e ai trançando até fazê as bolsa, peneira, banadô o que queria ele fazia, assim eu aprendi...e ele aprendeu com os meus avós..*”] (Sr. L.M.S. 53 anos de idade).

DISCUSSÃO

O conhecimento etnobotânico sobre o uso das plantas na medicina tradicional estão presentes na comunidade pantaneira de Mimoso e, predominantemente mantido pelos idosos locais. [31 – 32] encontraram resultados semelhantes quanto à predominância de idosos entre os especialistas entrevistados em plantas medicinais. Neste estudo, o número de citações de usos das plantas medicinais pelos idosos foi alto, quando comparado aos depoentes mais jovens. A predominância das mulheres é justificada pelas atividades que exercem com os cuidados do lar e dos filhos no seu cotidiano. Também referem os cuidados com a horta e quintal da residência, como fonte de alimentos e remédios usados para os cuidados com a família. [33] relata que a proximidade das hortas e quintais da residência facilita o acesso da dona de casa às plantas medicinais e alimentares, usadas para o cuidado com a família. Os Mimoseanos

aproveitam os quintais para descansar, reunir os familiares, vizinhos, amigos e promover comemorações, portanto considerado um espaço social, de trabalho e de lazer. De acordo com [34], os quintais podem ser considerados sistemas agrofloretais, pois resultam em benefícios nutricionais, econômicos, ecológicos, além de representarem um local para a conservação de muitas espécies.

Identificamos que nas famílias existem atribuições específicas nas atividades do cotidiano, tanto para o homem como para a mulher, que refletem como características social e cultural na comunidade. Os homens, preferencialmente, coletam plantas ativamente nas Morrarias de Mimoso e no entorno, e podem reconhecê-las fora do seu habitat natural. Morraria constitui um habitat natural recoberta pela Floresta Estacional Decidual Submontana, com transição para os cerrados ou savanas, presença do cerradão nas cristas e encostas. Nos vales e meia encosta presença de Floresta Decidual e, ao longo de toda a Morraria espécies de ambas as formações formando um ecótono [11, 35]. Na comunidade o uso de plantas com finalidades medicinais apresenta-se como uma das principais práticas propagadas pela cultura popular, seja em ambiente natural ou antropizado. Em geral, os homens buscam nas matas o que precisam para a produção de remédios caseiros (folhas, cascas, flores, sementes e frutos). [5] Destacam que o homem ao trabalhar na floresta apresenta maior conhecimento sobre o habitat florestal e consequentemente, maior conhecimento sobre as espécies medicinais florestais, enquanto as mulheres são mais conhecedoras das ervas medicinais, domesticadas em hortas e quintais de suas residências.

A diversidade das plantas medicinais, exóticas e nativas, que são conhecidas e usadas na comunidade de Mimoso reflete a riqueza florística do bioma pantaneiro e está diretamente relacionada com a variabilidade dos habitats naturais. A Morraria e seu entorno abrigam, em sua maioria, espécies nativas. Os quintais, jardins e hortas locais abrigam nativas (de remanescente florestal) e exóticas, através da domesticação. [36] descreve que os jardins e hortas são espaços antropicamente modificados pelo homem e podem ser considerados como unidades de paisagem cultural.

Sendo a religião católica predominante sobre as demais, ela reflete o processo histórico de ocupação na região, pois sendo a comunidade de descendência africana e indígena, as crenças católicas africanas se intensificaram durante a Diáspora, que passou a ser exercida por quilombolas no Brasil [32].

Ao considerar a importância das plantas na medicina tradicional, observamos que a população compartilha muitas espécies medicinais, mensuradas pelo valor de consenso entre os informantes, possivelmente pelo legado Afro-descendente e indígena que ainda perdura nas gerações mais idosas. Estudos etnobotânicos nacionais e internacionais destacam a influência da cultura africana na medicina popular [37, 2].

Considerando o número de espécies e gêneros registrados com os maiores valores de usos para a categoria medicinal, a diversidade destaca as famílias botânicas, Fabaceae, Asteraceae, Anacardiaceae e Lamiaceae. Estas famílias botânicas apresentam extraordinário potencial medicinal em comunidades Afro-descendentes [5]. A maior família botânica das Angiospermas é Asteraceae, amplamente distribuída no mundo todo e muito bem representada no Brasil, especialmente no cerrado. Lamiaceae está presente em todos os biomas brasileiros e com predominância de herbáceas [38]. Estudos etnobotânicos com plantas medicinais indicam a predominância de herbáceas para as famílias Asteraceae e Lamiaceae [34, 39, 40].

A riqueza florística presente no bioma pantaneiro é expressa pela diversidade das plantas usadas na medicina popular e associado aos habitats naturais como as murrarias, os vales, os brejos, os corixos. E também em ambientes antropicamente modificados, como as hortas,

roças e quintais. Em comunidades tradicionais rurais nas hortas e quintais, usualmente, é comum a mistura de espécies nativas e exóticas [37, 41].

Muitas plantas apresentaram multiplicidade de usos, especialmente medicinais e alimentícias, e revelam que os dados de valor de uso e consenso informante destacam a importância cultural e social da medicinal tradicional, ainda exercida pelas pessoas mais idosas (raizeiro, benzedeiros, parteiros). Nesse contexto, as plantas medicinais são usadas para o tratamento de problemas de saúde, como diabetes, colesterol, depurativo do sangue, inflamações em geral, hipertensão, anemia, câncer, entre outros e com maior expressividade para o sistema respiratório, seguido de circulatório e genito-urinário. O uso das folhas, na forma de chá (infusão) foi predominante na comunidade. Os trabalhos realizados [42, 43, 44] em comunidades tradicionais mostraram que a forma mais comum de preparo é o chá (infusão). Este método facilita a extração dos ingredientes ativos, tornando o remédio caseiro mais rápido e eficiente [45].

Uma planta ou várias plantas podem ser usadas em rituais religiosos e são consideradas místicas religiosas quando atuam sobre doenças espirituais culturais. Para [46] as doenças culturais são populares em comunidades rurais. As folhas, caules e flores de *Rosmarinus officinalis* (alecrim) e *Ruta graveolens* (arruda) são usados em rituais de proteção pessoal para tratar os males do corpo e da alma e essas plantas têm poder contra o “mau-olhado” e são usados em banhos para limpeza espiritual [5]. Sendo Mimoso uma comunidade rural e tradicional, com descendência africana e indígena, os rituais religiosos são expressivos para a população local e os tratamentos espirituais ainda são exercidos pelas pessoas mais idosas, preferencialmente. Portanto, este conhecimento tradicional é culturalmente transmitido entre as gerações, como forma de evitar a erosão cultural. [3, 2] revelam a importância das plantas místicas religiosas para tratamentos da saúde espiritual, conduzidos pelas pessoas mais idosas e detentoras de conhecimentos tradicionais.

Neste estudo destacamos *Myracrodruon urundeuva*, popularmente conhecida como aroeira na região pantaneira, considerada uma das tipologias de vegetação que predominam na floresta estacional semidecidual e na floresta estacional decidual do pantanal mato-grossense [47]. Essa espécie é nativa no Brasil e com amplo registro de ocorrência também para os biomas cerrado e pantanal mato-grossenses [22]. Estudos etnobotânicos no Brasil revelam a importância cultural e medicinal da espécie, especialmente em comunidades tradicionais rurais [8, 3].

O maior fator de consenso entre os informantes (0,56) foi registrado para cicatrização óssea, inflamação do aparelho genito-urinário da mulher e inflamações em geral. A aroeira é muito utilizada dado as suas propriedades farmacológicas. Suas folhas são amplamente utilizadas na medicina popular para fins terapêuticos por apresentar potencial anti-inflamatório e antimicrobiano, além de favorecer o processo de reparo e cicatrização óssea [48]. Altas concentrações de compostos fenólicos especificamente os taninos com qualidades terapêuticas e chalconas diméricas responsáveis pela ação analgésica e anti-inflamatória [49]. A entrecasca possui propriedades antialérgicas, adstringentes, anti-inflamatórias e cicatrizantes. As raízes são usadas no tratamento de reumatismo e as folhas são indicadas para o tratamento de úlceras [50].

As indicações medicinais para a espécie incluem o “melote” (popularmente denominado), usado para ferimentos como torções, lesões e fraturas ósseas. O “melote” ou “cola osso”, segue o seguinte preparo: ferve-se a casca da aroeira com açúcar até formara o melote, após amarra-se o pano embebido de melote no local desejado, quando soltar (desprender) da pele é porque o osso já está colado. Essa prática não se limita apenas a humanos, mas nos cuidados com os animais domésticos como os bezerros e os bois. Estudos realizados por [51, 52]; descreveram as propriedades analgésica, anti-inflamatória e cicatrizante de *M. urundeuva*.

As mulheres, especialmente as raizeiras, preparam as garrafadas e banhos com aroeira, e relatam que estes tratamentos servem para restaurar a aura, pois elimina do corpo tudo o que tem poder de sugar as forças. As folhas e frutos usados nesse processo devem ser mantidos no sereno (noturno) para posterior utilização

Na comunidade Mimoseana o conhecimento etnobotânico é expressivo e se revela como traço cultural dominante ao exercer os meios tradicionais de subsistência e a conservação dos ambientes naturais ou antropizados. Estudos de [3] destacam práticas culturais de saúde e de subsistência em comunidades tradicionais rurais do Brasil.

CONCLUSÃO

Nós concluímos que a comunidade pantaneira mato-grossense de Mimoso ainda se mantém como tradicional e rural e o conhecimento tradicional sobre a flora local é significativo, e manifesta-se nas diferentes atividades culturais, ambientais e sociais, exercidas no cotidiano da população e transmitido entre as gerações.

Os recursos vegetais são utilizados para diversas finalidades como recurso sustentável na medicina tradicional e incluem uma variedade de plantas, que favorece o tratamento de necessidades terapêuticas para a população. A categoria de uso mais expressiva é a medicinal, na forma de remédio para tratar dos problemas de saúde das pessoas e dos animais. *Miracrodruon urundeuva* é a espécie mais usada, apresentou maior valor de uso, e de consenso na comunidade. Portanto, existe na comunidade uma conexão entre conhecimentos tradicionais e o potencial da flora medicinal. O estudo não pretende ser exaustivo e novas pesquisas podem revelar dados farmacológicos e fitoquímicos substanciais no futuro, em especial *M. urundeuva*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Rates SMK. Plants as source of drugs. *Toxicon*, Oxford, v. 39. 2001.
- Fonseca FN, BALICK MJ. Plant-Knowledge Adaptation in an Urban Setting: Candomblé Ethnobotany in New York City. *Economic Botany*. 2018. <https://doi.org/10.1007/s12231-018-9405-7>.
- Zank S, Hanazaki N. The coexistence of traditional medicine and biomedicine: a study with local health experts in two Brazilian regions. *PLoS ONE*. 2017. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0174731>.
- Paixão JLF, Humberto D, Oliveira JEZE. Horta orgânica de ervas medicinais: inclusão social na comunidade da Barra em Muriaé/MG - Brasil. *Revista Agrogeambiental*; 2013. p.19-30.
- Pasa MC, Hanazaki N, Silva OD, Agostinho AB, Zank S, Esteves MIP. Medicinal plants in cultures of Afro-descendant communities in Brazil, Europe and Africa. *Acta Botanica Brasilica*. 2019. <https://doi.org/10.1590/010233062019abb0163>.
- Vásquez SPF. Conhecimento, uso e conservação da diversidade vegetal em quatro comunidades ribeirinhas no município Manacapuru. Tese de doutorado em Botânica Amazonas. 2014.
- Silva ATR. A conservação da biodiversidade entre os saberes da tradição e a ciência. *Estudos Avançados*; 2015. p. 233-259.
- Pasa MC, David M, Fiebig GA, Nardez TMB, Maziero ELA. Etnobotânica na comunidade quilombola em Nossa Senhora do Livramento. Mato Grosso, Brasil. *Biodiversidade*; 2015. p. 2-14.
- Ferreira ALS. Etnofarmacobotânica e os Saberes Tradicionais na Comunidade Barreirinho, Santo Antônio do Leverger-MT, Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. 2018.
- Rocha JA, Boscolo OH, Fernandes LRRMV. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. *Interações, Campo Grande*; 2015. p. 6774.
- Schwenk LM, Da Silva CJ. A Etnobotânica da Morraria Mimoso no Pantanal de Mato Grosso. III Simpósio sobre Recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal. Corumbá – MS; 2000.
- Da Silva CJ, Silva JAF. No ritmo das águas do Pantanal. São Paulo: NUPAUB-USP. 1995. p.194.
- Melo RSN. Turismo de base comunitária: uma proposta para a comunidade pantaneira de Mimoso – Santo Antônio de Leverger /MT. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Mato Grosso. 2017. 219p.
- Rossetto OC, Girardi EP. Trajetória e Resiliência dos Povos Indígenas do Pantanal Brasileiro. In: Rossetto OC, Tocantins N. (Orgs.). *Ambiente Agrário do Pantanal Brasileiro: Socioeconomia e Conservação da Biodiversidade*. 2015. <http://issuu.com/imprensa.livre/docs/Pantanal_parte_1; 2; Acesso em 10 mar 2019.

Minayo MCS. (org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
Albuquerque UP, Lucena RFP, Cunha L. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife. 2004.

Meihy JCSB, Barbosa FH. História oral: como fazer, como pensar. [S.l.: s.n.]. 2007.

Belz CEA. Fotografia Científica. Site Fotografia Científica. 2011.
http://qnesc.s bq.org.br/online/qnesc40_4/03-EA-70-17.pdf. Acesso em: 27 mar. 2019.

APG IV. Angiosperm Phylogeny Group. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. Botanical Journal of the Linnean Society 181: 1-20. 2016.

MOBOT. Missouri Botanical Garden. 2019. <<http://www.tropicos.org>>. Accessed 10 Jan 2020.

Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2019. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> Accessed 09 Sep 2019.

Lorenzi H, Matos FJA. Plantas medicinais no Brasil - Nativas e Exóticas. Instituto Plantarum: Nova Odessa; 2008.

Souza VC, Flores TB, Lorenzi H. Introdução à botânica: morfologia. Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 2013.

Friedman J, Yanir Z, Dafni A, Palewitch DA. Preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of ethnopharmacology field survey among bedouins in the Negev desert, Israel. Journal of Ethnopharmacology ,16: 275-287. 1986.

Amorozo MCM, Gély AL. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém: Série Botânica. 1988. p.47–131.

Albuquerque UP, Andrade LHC. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Acta Botanica Brasilica. 2002. p. 273-285

Pasa MC. Abordagem etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açú, Mato Grosso, Brasil. Polibotânica. 2011. p.169-197.

Paes SND, Pasa, MC. Vegetação, cultura e economia: aspectos etnobotânicos da comunidade Capão em Barão de Melgaço. Mato Grosso, Brasil. FLOVET. 2014.

Phillips O, Gentry AH. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. Economic Botany. 1993. p. 15-32.

WHO. International statistical classification of diseases and related health problems. Geneva, World Health Organization. 2014. <http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2014/>. Acesso em 24 Feb. 2019.

Voeks RA. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. *Singapore Journal of Tropical Geography*; 2007.

Conde BE, Ticktin T, Fonseca AS. Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil. 2017. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0187599>.

Amorozo MDM. Sistemas agrícolas de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade—uma revisão e contribuições. Rio Claro, SP. 2013. 120p.

Fracaro FA, Guarim VLMS. Uso da biodiversidade em quintais do município de Juína. In: Guarim Neto G, Carniello MA. (Org.). *Quintais mato-grossenses: espaço de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres/MT. 2008. 203p.

Duarte TG. Florística, fitossociologia e relações solo-vegetação em floresta estacional decidual em Barão de Melgaço, Pantanal de Mato Grosso. Tese de Doutorado, UFV. MG. 2007. 144p.

Voecks RA. Ethnobotany. *Internacional Encyclopedia of Geography*. John Wiley & Sons (editors). 2017. <https://doi.org/10.1002/9781118786352.wbieg0300>.

Ávila JVC, Zank S, Valadares KO, Maragno J, Hanazaki N. The traditional knowledge of Quilombola about plants: does urbanization matter? *Ethnobotany Research and Applications*. 2015; 14:453–462.

Souza VC, Flores TB, Colletta GD. *Guia das Plantas do Cerrado*. Piracicaba, Taxon Brasil. 2018.

De David M, Pasa MC. Saber popular e as plantas medicinais em Várzea Grande, MT, Brasil. *FLOVET*. 2013.

Pasa MC, De David M. Chestnut-of-Brazil (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) – Lecythidaceae: Ethnobotany in Forests of Brazil. *Amazonian Flovet* 1: 77-88, 2016.

Pasa MC, Zurra RMO, David M. Múltiplos olhares sobre a biodiversidade. In: Pasa MC, David M. (orgs.) *Caminhando com os ribeirinhos pela Amazônia Brasileira*. São Paulo, Carlini & Caniato Editorial. 2017. p. 537-548.

Reis SLA, Bellini M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. *Acta Sci-Hum Soc Scienc* 33: 149- 159. 2011.

Bieski IGC, Santos FR, Oliveira RM, Espinosa MM, Macedo M, Albuquerque UP, Martins DTO. Ethnopharmacology of medicinal Plants of the Pantanal Region (Mato Grosso, Brazil). 2012. <http://dx.doi.org/10.1155/2012/272749>.

Bieski IGC, Leonti M, Arnason JT, Ferrier J, Rapinski M, Violante IMP, Balogun SO, Pereira JFCA, Figueiredo RCF, Lopes CRAS, Silva DR, Pacini A, Albuquerque UP, Martins DTO. Estudo etnobotânico de plantas medicinais por população da região do Vale do Juruena, Amazônia Legal, Mato Grosso, Brasil. *J. etnofarmacologia* 173: 383 - 423. 2015.

Castellani DC. Plantas medicinais. Agromídia software, Viçosa, MG, Brasil. 1999.

Amorozo MCM. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. Acta Botanica Brasilica. 2001. p.189-203.

BirdLife International. Important Bird Areas factsheet: Maciço do Urucum e Adjacências. 2020. <http://www.birdlife.org> Acesso em 20 Feb. 2020.

Machado AC, Oliveira RC. Medicamentos Fitoterápicos na odontologia: evidências e perspectivas sobre o uso da aroeira-do-sertão (*Myracrodruon urundeuva* Allemão). Rev. bras. plantas med. Botucatu. 2014. <https://doi.org/10.1590/S1516-05722014000200018>.

Monteiro JM, Albuquerque UP. O valor dos recursos naturais e a valoração contingente de *Myracrodruon urundeuva* Allemão – um enfoque conservacionista. Acta Botanica Brasilica. 2012. p.125-132.

Carlini EA, Almeida JMD, Rodrigues E, Tabach R. Antiulcer effect of the pepper trees *Schinus terebinthifolius* Raddi (aroeira-da-praia) and *Myracrodruon urundeuva* Allemão, Anacardiaceae (aroeira-do-sertão). Revista Brasileira de Farmacognosia. 2010.

Viana GSB, Bandeira MAM, Matos FJA. Analgesic and antiinflammatory effects of chalcones isolated from *Myracrodruon urundeuva* Allemão. Phytomedicine, 10(2), 189-195. 2003.

Viana GSB, Bandeira MAM, Moura LC, Souza-Filho MVP, Matos FJA, Ribeiro RA. Efeitos analgésicos e anti-inflamatórios da fração tanino de *Myracrodruon urundeuva*. Fitoterapia. 11(2), 118-122. 1997.

TABELA 2. Espécies vegetais utilizadas pelos depoentes da comunidade de Mimoso, Santo Antônio do Leverger, MT. 2019.

FAMÍLIA/NOME CIENTÍFICO	NOME POULAR	ORIGEM	CATEGORIA	FORMAS DE USO	PARTE USADA	INDICAÇÃO	NC
ACANTHACEAE							
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	N	M	Infusão, decocção	Folhas e fruto	Dor de cabeça	3
ADOXACEAE							
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl	Sabugueiro	E	M	Infusão	Folhas	Sarampo	2
ALLIACEAE							
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	E	A	-	Folhas	Nutrição	19
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	E	A, M	Infusão	Bulbo	Gripe, Tosse, Resfriado	1
AMARANTHACEAE							
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	N	M	Infusão, decocção	Folhas	Inflamação	20
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-santa-maria	E	M	Maceração	Folhas	Verme	11
<i>Pfaffia iresinoides</i> (Kunth.) Spreng.	Paratudo	N	M	Infusão	Raiz	Estimulante	1
ANACARDIACEAE							
<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Allemão) Engl.	Aroeira	N	M, C	Infusão, melote	Cascas	Inflamação, fraturas	50
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	N	A, M	Infusão	Folhas e Fruto	Tosse, Gripe	25
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	N	A, M	<i>In natura</i> , Decocção.	Pseudofruto e Semente	Cicatrização, diarreia	13
<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Cajá-manga	E	A, M	Infusão	Folhas	Resfriado	6
<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela	E	A, M	Infusão	Folhas	Gripe	4
<i>Spondias lutea</i> L.	Cajazinho	N	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	3
<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Imbuzeiro	N	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	1
<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	Cajuzinho	N	A, M	<i>In natura</i>	Castanha	Queimar verruga	1
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott.	Gonçaleiro	N	C	-	-	-	1
ANNONACEAE							
<i>Annona squamosa</i> L.	Ata/ Pinha	N	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	27
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Graviola	N	A, M	<i>in natura</i> , infusão	Folhas e Fruto	Resfriado, câncer	5
APIACEAE							

<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	E	A	<i>In natura</i>	Folhas	Nutrição	8
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	E	A, M	Decocção	Folhas	Diurético	2
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	E	M	Decocção	Sementes	Calmante	4
ARACEAE							
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott.	Comigo-ninguém-pode	E	O, Mi	<i>In natura</i>	Folhas	Proteção espiritual	4
ARECACEAE							
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-baía	E	A, M	<i>In natura</i>	Fruto	Hidratação	16
<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	Babaçu	E	A	<i>In natura</i>	Folhas	Nutrição/Artesanato	5
<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Buriti	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição/Artenato	2
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiuva	N	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	2
ASPARAGACEAE							
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain.	Espada-de-São-Jorge	E	O, Mi	<i>In natura</i>	Folhas	Proteção espiritual	3
ASTERACEAE							
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert.	Camomila	E	M	Infusão	Folhas	Calmante	20
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	E	M	Infusão	Folhas	Estômago, fígado	17
<i>Gochnatia polymorpha</i> Less.	Cambará	N	M	Decocção	Folhas	Tosse, Gripe	6
<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less.	Assa peixe	N	M	Decocção	Raiz	Gripe	2
<i>Arnica chamissonis</i> Less.	Arnica	E	M	Decocção	Raiz	Dor de cabeça	2
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Artemisia	E	M	Decocção	Folhas	Cólica menstrual	1
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	E	A	<i>In natura</i>	Folhas	Nutrição	1
<i>Achillea millefolium</i> L.	Mil folhas	E	M	Infusão	Folhas	Câncer	1
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	N	M	Infusão	Folhas	Icterícia	1
BIGNONIACEAE							
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	Piúva / Ipê Roxo	N	M, O	Decocção	Folhas e Cascas	Inflamação	10
<i>Tabebuia ochracea</i> Standl.	Piúva / Ipê amarelo	N	M, O	Decocção	Cascas	Para tudo	2
BIXACEAE							

<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg.	Algodãozinho-do-campo	N	M	Decocção	Folhas	Inflamação	3
BORAGINACEAE							
<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A.DC	Louro	N	A, M	Infusão	Folhas	Inflamação	3
BRASSICACEAE							
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	E	A, M	<i>In natura</i>	Folhas	Anemia	4
<i>Eruca sativa</i> Mill.	Rúcula	E	A	<i>In natura</i>	Folhas	Nutrição	1
BROMELIACEAE							
<i>Ananas comosus</i> L. Merril	Abacaxi	E	A	<i>In natura</i>	Folhas	Nutrição	8
CACTACEAE							
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-pro-nóbis	E	O	-	Flores	Paisagem	1
CAPPARACEAE							
<i>Crataeva tapia</i> L.	Cabaça	N	M	Infusão	Folhas	Reumatismo	2
CARYOCARACEAE							
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess	Pequi	N	A, M	Infusão	Folhas e Fruto	Diabetes	1
COMBRETACEAE							
<i>Terminalia catappa</i> L.	Sete copas	N	O	-	Árvore	Paisagem	1
CONVOLVULACEAE							
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam	Batata doce	N	A	<i>In natura</i>	Tubérculo	Nutrição	2
COSTACEAE							
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw	Caninha-do-brejo	E	M	Infusão	Folhas	Infecção na bexiga	3
CRASSULACEAE							
<i>Kalanchoe daigremontiana</i> (Raym.-Hamet & Perrier) A.Berger	Aranto	E	M, O	<i>In natura</i>	Folhas	Câncer	1
<i>Sedum morganianum</i>	Dedinho	E	M	<i>In natura</i>	Folhas	Verruga	1
CUCURBITACEA							
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-São-Caetano	N	M	Decocção	Folhas e Flor	Dengue	14
<i>Cucurbita pepo</i>	Abóbora	E	A	-	Fruto	Nutrição	9
<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne ex Lam.	Moranga	E	A	-	Fruto	Nutrição	8

<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	E	A	-	Fruto	Nutrição	8
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	6
<i>Cucumis melo</i> L.	Melão	N	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	2
<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	1
DAVALLIACEAE							
<i>Nephrolepis biserrata</i> (SW.) Schott	Samambaia	N	O	-	Folhas	Paisagem	1
DIOSCOREACEAE							
<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará	N	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	1
EUPHORBIACEAE							
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	N	A	-	Tubérculo	Nutrição	32
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	N	M, Mi	Maceração	Folhas	Alergia	3
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	N	M	<i>In natura</i>	Fruto	Inflamação	2
FABACEAE							
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	N	M	Decocção	Casca	Tosse	15
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	N	A, M	<i>In natura</i>	Fruto	Inflamação	7
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	N	M	Decocção	Folhas	Infecção urinária	7
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá	N	M, O	Infusão	Folhas	Diabetes	7
<i>Vigna sinensis</i> (L.) Savi ex. Hassk.	Feijão-de-corda	E	A, M	Infusão	Folhas	Diarreia	3
<i>Inga speciosa</i> M. Martens & Galeotti	Ingá	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	2
<i>Dipteryx alata</i> Vogel.	Cumbaru	N	M	<i>In natura</i>	Semente	Inflamação	2
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	N	M, Mi	Infusão	Folhas	Vermes	2
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema	E	O, Mi	-	Planta	Proteção	2
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico	N	C	-	Árvore	Paisagem	2
<i>Bauhinia unguolata</i> L.	Pata-de-vaca	N	M	Infusão	Folhas	Diabetes	1
<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf	Flamboyant	N	O	-	Árvore	Paisagem	1
<i>Arachis hypogaea</i> L.	Amendoim	N	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	1
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão-Guandú / Andú	N	A, M	Infusão	Folhas	Estômago	1
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Ximbuva	N	O	-	Árvore	Paisagem	1

LAMIACEAE							
<i>Mentha crispa</i> L.	Hortelã	E	A, M	Infusão	Folhas	Tosse, Gripe, dor de cabeça	10
<i>Hyptis cf. hirsuta</i> Kunth	Hortelã-do-campo	N	M	Infusão	Folhas	Gases	8
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo	E	M	Maceração	Folhas	Estômago, fígado	6
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca	E	M	Infusão	Folhas e Flor	Tosse, resfriado	4
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	E	M	Infusão	Folhas	Calmanete	4
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	E	M	Infusão	Folhas	Dor de cabeça	2
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-São-Francisco	N	M	Maceração	Folhas	Cicatrizante	2
<i>Mentha spicata</i> L.	Vicki	E	M	Infusão	Folhas	Resfriado, Tosse	2
<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke	Tarumã	N	M	Infusão	Folhas	Diabetes	1
LAURACEAE							
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	9
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	E	M, Mi	Infusão	Casca	Afrodísíaco/cólica	1
LECYTHIDACEAE							
<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers	Jequitibá	N	M	Decocção/Xarope	Casca	Tosse, Pneumonia	7
LOGANIACEAE							
<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	Quina	N	M	Infusão	Casca	Anemia	3
LYTHRACEAE							
<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil	Mangava-brava	N	M	Infusão	Folhas	Inflamação	13
MALPIGHIACEAE							
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	N	A, M	Infusão	Folha	Gripe	21
<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> Machado	Nó-de-cachorro	N	M	Infusão/garrafada	Casca	Depurativo do sangue	1
MALVACEAE							
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	E	M	Infusão	Folhas	Inflamação	7
<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Quiabo	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	4
<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	E	A, M	<i>In natura</i>	Fruto	Hipertensão	2
<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K. Schum.	Cupuaçu	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	1
<i>Sida cordifolia</i> L.	Malva- branca	N	M	Infusão	Folhas	Inflamação	1

<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico-magro	N	M	Infusão	Casca	Tosse, asma	1
MONIMIACEAE							
<i>Peumus boldus</i> Molina	Eparema/boldo-do-chile	E	M	Maceração	Folhas	Estômago	19
MORACEAE							
<i>Artocarpus integrifolia</i> L. f.	Jaca	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	3
<i>Morus rubra</i>	Amora	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	3
<i>Ficus carica</i> L.	Figueira	E	O	-	Árvore	Paisagem	1
<i>Dorstenia cayapia</i> Vell.	Caiapiá	N	M	Infusão	Folhas	Diabete	1
MUSACEAE							
<i>Musa pardisiaca</i> L.	Bananeira	N	A	<i>In natura</i>	Fruta	Nutrição	24
MYRTACEA							
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	N	A, M	Infusão	Broto	Diarreia	19
<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Jabuticaba	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	5
<i>Eugenia pitanga</i> (O. Berg) Nied.	Pitanga	N	A, M	<i>In natura</i>	Fruto	Rim	2
<i>Eucalyptus citriodora</i> Hook.	Eucalipto	E	M	Infusão	Folhas	Calmante	2
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo	E	M	Decocção	Flor	Garganta, tosse	1
NYCTAGINACEAE							
<i>Boerhavia coccinea</i> Mill.	Amarra-pinto	E	M	Decocção/garrafada	Raiz	Inflamação	1
OXALIDACEAE							
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	N	A, M	<i>In natura</i>	Fruto	Inflamação	5
PASSIFLORACEAE							
<i>Passiflora alata</i> Curtis.	Maracujá	N	A, M	<i>In natura</i> /infusão	Fruto	Calmante	3
PEDALIACEAE							
<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelim	E	M	Infusão	Folhas	Problemas cardíaco	1
PHYLLANTHACEAE							
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	N	M	Infusão	Folhas	Pedra nos rins	2
PHYTOLACCACEAE							
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	E	M, Mi	Decocção	Folhas	Dores no corpo/energia ruim	5

PIPERACEAE							
<i>Piper cuyabanum</i> C.DC.	Jaborandi	N	M	Infusão	Folhas	Febre	3
POACEAE							
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-cidreira	N	A, M	Infusão	Folhas	Calmante	19
<i>Zea mays</i> L.	Milho	N	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	12
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	N	A	<i>In natura</i>	Caule	Nutrição	11
<i>Cenchrus echinatus</i> L.	Carapicho	N	M	Infusão	Semente	Rim	1
POLYGONACEAE							
<i>Polygonum</i> L.	Erva-de-bicho	N	M, Mi	Infusão	Folhas e Caule	Febre/dores no corpo	6
PORTULACACEAE							
<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Onze-horas	N	O	-	Folhas	Paisagem	1
PUNICACEAE							
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	E	M	<i>In natura</i>	Fruto	Inflamação na garganta	22
PLANTAGINACEAE							
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	N	M	Decocção	Folhas e Caule	Inflamação/cicatrização	4
ROSACEAE							
<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	Amora	E	A, M	Infusão	Folhas	Inflamação / menopausa	3
<i>Rosa alba</i> L.	Rosa-branca	E	M, O	Infusão	Flor	Inflamação	2
RUBIACEAE							
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	N	M	<i>In natura</i>	Fruto	Diabetes	4
<i>Coffea canephora</i> Pierre ex A.Froehner	Café	E	A		Fruto		1
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	N	M	Infusão	Folhas	Bronquite	1
<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) DC.	Unha-de-Gato	N	M	Infusão	Folhas	Inflamação	1
RUTACEAE							
<i>Citrus x sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	E	A, M	Infusão	Raiz	Resfriado	29
<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Limão	E	A, M	Infusão	Casca	Gripe, Tosse, Resfriado	24
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	E	M, Mi	Infusão	Folhas	Dor de cabeça	22
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Poncã	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	6

<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Lima	E	A, M	Infusão	Casca	Resfriado	5
<i>Citrus limittoides</i> Tanaka	Lima da pérsia	E	M	Infusão	Casca	Gripe, Tosse, Resfriado	1
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-cadela	N	M	Infusão	Folhas/Casca	Cólica, dores no ouvido	1
SAPINDACEAE							
<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk	Pitomba	N	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	7
<i>Paullinia cupana</i> var. <i>sorbilis</i> (Mart.) Ducke	Guaraná	E	M	Macerado	Pó	Estimulante	2
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk	Maria-pobre	N	M	Infusão	Casca	Piolho	1
SIPARUNACEAE							
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	N	M,Mi	Infusão	Folhas	Dor de cabeça	1
SIMAROUBACEAE							
<i>Picrolemna sprucei</i> Hook.f.	Caferana	E	M	Maceração	Folhas	Estômago, fígado	3
SOLANACEAE							
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	E	A, Mi	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	17
<i>Capsicum annum</i> L.	Pimentão	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	8
<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batata	E	A	-	Tubérculo	Nutrição	6
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	3
<i>Capsicum baccatum</i> var. <i>praetermissum</i> (Heiser & P.G.Smith) Hunz.	Pimenta-dedo-de-moça	E	A, M	<i>In natura</i>	Fruto	Inflamação	3
<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	N	A, M	Infusão	Fruto	Colesterol	2
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	N	A, M	Decocção	Fruto	Estômago	1
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta-bodinho	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	1
<i>Solanum gilo</i> Raddi	Jiló	E	A	<i>In natura</i>	Fruto	Nutrição	1
URTICACEAE							
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul.	Embaúba	N	M	Infusão	Broto	Tosse, Bronquite	3
VERBENACEAE							
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.ex P. Wilson	Erva-cidreira	N	M	Infusão	Folhas	Calmante	15
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	Gervão	N	M	Infusão	Folhas	Dor de cabeça	2
VITACEAE							

<i>Cissus</i> L.	Insulina	N	M	Infusão	Flor	Diabetes	3
VOCHYSIACEAE							
<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Carvão-Branco	N	O, C	-	Árvore	Paisagem	1
XANTHORRHOACEAE							
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	E	M	<i>In natura</i>	Folhas	Cicatrização	15
ZINGIBERACEAE							
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe.	Gengibre	E	M	Infusão	Broto	Enxaqueca	5
<i>Alpinia speciosa</i> (J.C. Wendl.) K. Schum.	Colônia	E	M	Infusão	Folhas	Hipertensão	3
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	E	A, M	<i>In natura</i>	Sementes	Anemia / Inflamação	2

Legenda: Origem: N - Nativa, E - Exótica; NC: Número de Citações; Etnocategorias: A: Alimentícia; M: Medicinal; O: Ornamental; Mi: Mística religiosa; C: Construção